

# **A TURQUIA: O ORIENTE QUE QUER SER OCIDENTE?**

José Pedro Teixeira Fernandes

Seminário:

O Social, o Económico e o Internacional na Europa dos Europeus  
Painel Internacional: «**Turquia: Uma desejável ou ameaçadora ponte para o Oriente?**»

**Organização:** NERIFE – Núcleo de Estudantes de Relações Internacionais da Faculdade de Economia/AAC – Associação Académica de Coimbra

Auditório da Faculdade de Economia, Coimbra

19/Maio/2005

## Índice

1. Império Otomano e República da Turquia: uma sucessão traumática e complexa
2. As reformas nacionalistas-secularistas de Mustafa Kemal
3. A evolução da identidade turca: a síntese turco-islâmica
4. As ambiguidades da «opção europeia/ocidental» da Turquia
5. Interrogações finais
6. Bibliografia

## **1. Império Otomano e República da Turquia: uma sucessão traumática e complexa**

A Turquia e a sua eventual adesão à UE é um tema complexo que pode ser analisado sobre múltiplas e diversificadas perspectivas. Nesta breve comunicação, vamos privilegiar uma perspectiva histórica e sociológica, e centrar-nos essencialmente na questão da sua identidade cultural/nacional, bem como dos desafios que esta coloca à UE.

Começando pela História

Quando se estuda numa perspectiva histórica a actual Turquia inevitavelmente nos confrontamos com algumas interrogações:

- i) Como se transitou do Império Otomano para a actual Turquia?
- ii) Porquê a Turquia, com estas fronteiras políticas? Quais os critérios que basearam a sua formação?

Simplificando muito a questão, pode-se afirmar que a transição ocorre, grosso modo, no *período de 1912-1923*, que separa a 1ª guerra balcânica, e marcou a expulsão dos otomanos da sua última província europeia – a Macedónia –, do Tratado de Lausana, que reconhece a República da Turquia como sucessora do Império Otomano

Aparentemente, pode pensar-se que abordar o assunto desta maneira é centramo-nos em questões do passado, que pouco interessam para o debate actual sobre a adesão da Turquia à UE. A verdade é que estas *não são meras questões do passado, mas importantes questões do presente:*

- A origem do **problema dos curdos** encontra-se nos Tratados de Sèvres (1919) e de Lausana (1923) que marcaram o fim do Império Otomano;
- A origem da **questão arménia** (genocídio arménio) está nos anos 1915-1917;
- A origem do interesse da Turquia por **Mossul e Kirkuk, no actual Iraque**, está no facto de estes territórios do antigo Império Otomano não terem ficado na República da Turquia, como pretendia Mustafa Kemal.

É devido aos acontecimentos traumáticos deste período que ainda hoje se fala na «**fobia de Sèvres**», ou seja num medo bem enraizado na memória colectiva da Turquia, de estar *cercada de inimigos*. Não será, por exemplo, o livro *Metal Firtina/Tempestade de Metal* recentemente publicado por **Orkun Uçar** e **Burak Turna** (um escritor de ficção e um jornalista de questões de defesa), que bateu recordes de vendas, e cujo enredo de ficção gira à volta de uma guerra nuclear turco-americana em 2007, uma nova versão da «**fobia de Sèvres**»?

É também devido à memória histórica que se fala no «**homem doente da Europa**», ou seja o Império Otomano em decadência, na designação celebrizada pelo **czar russo Nicolau I**, em 1853. Curiosamente, esta expressão voltou a estar em relevo este no início deste ano com o artigo do jornalista norte-americano, **Robert Pollock**, do *Wall Street Journal*, intitulado *The Sick Man of Europe –Again/O Homem Doente da Europa– Novamente*, que criticava o ambiente de «teorias da conspiração» e de quase-paranóia colectiva, que segundo este marca a actual sociedade turca.

## 2. As reformas nacionalistas-secularistas de Mustafa Kemal

A acção de Mustafa Kemal durante os anos 20 e 30 do século XX, marcou a Turquia com muitas reformas importantes, algumas bastante curiosas, como a mudança para o alfabeto latino e a depuração da língua de palavras de origem árabe a persa, associada ao esforço de criação de neologismos; outra reforma curiosa foi a obrigatoriedade da adopção de apelidos pela população, que desconhecia essa prática cultural. Foi nesse contexto que Mustafa Kemal adoptou o nome de Atatürk.

Todavia, importa notar que estas reformas se basearam num projecto *nacionalista-secularista de cunho autoritário* (ou seja, numa criação de cima para baixo, imposta por uma elite dirigente à massa da população).

Isto é fácil de constatar pelo programa do Partido Republicano do Povo, por si fundado, onde constavam seis princípios basilares: *reformismo, secularismo, republicanismo, nacionalismo, populismo e estatismo*

Como faz notar uma socióloga turca, Nilüfer Gole, *a democracia não estava entre os mesmos* – o que mostra, na própria origem da sua ideologia, «a tensão entre o laicismo e o consentimento democrático».

Este aspecto é importante por duas grandes razões:

- i) explica em grande parte as tensões existentes dentro da sociedade turca entre a *elite secularista* e a **contra-elite conservadora-religiosa**;
- ii) mostra com o seu principal *elo unificador é o nacionalismo de Atatürk*.

Veja-se o que diz o texto da Constituição de 1982, no artigo 2º:

A Republica da Turquia é um Estado democrático e secular, um Estado social, governado pelo primado da Lei; tem presente os conceitos da paz pública, solidariedade nacional e justiça; respeita os direitos humanos; **é leal ao nacionalismo de Atatürk**, e baseia-se nos princípios fundamentais destacados no Preâmbulo.

- Será que uma tal disposição normal num qualquer país da actual UE?
- Outro exemplo: será o limite mínimo de **10% de votos para poder eleger deputados para o Parlamento** normal, em termos europeus?

### 3. A evolução da identidade turca: a síntese turco-islâmica

Na transição dos anos 40 para os 50 do século XX o pluripartidarismo foi introduzido na Turquia. Na sequência desta primeira abertura a eleições livres, o **Partido Democrático** liderado por **Adnan Menderes**, com o apoio conjugado da oposição religiosa e da população rural chegou ao poder, iniciando uma primeira vaga de «**reislamização do secularismo**»

Mas o maior impulso para a reislamização do secularismo ocorreu nos anos 80 e deve-se a um movimento, o *Aydınlar Ocağı*/«**Núcleo dos Intelectuais**», que teve o seu principal ideólogo e presidente no professor de História da Universidade de Istambul, **Ibrahim Kafesoğlu**.

Este movimento avançou com uma proposta que ficou conhecida por *Türk-Islam Sentezi*/«**síntese turco-islâmica**», a qual acabou por se converter naquilo que pode ser designado como a «ideologia não oficial» da actual República da Turquia.

Os principais desenvolvimentos desta «revolução cultural» deram-se pós o **golpe militar** de 1980 do general **Kenan Evran** e durante o governo do Primeiro-Ministro **Turgut Özal** (e que em 1987 apresentou o primeiro pedido da Turquia de adesão às Comunidades Europeias, que na altura não foi aceite).

Mas o que é a síntese turco-islâmica?

O investigador francês do CNRS, **Étienne Copeaux**, que desenvolveu um interessante trabalho de pesquisa e análise nos manuais de história da Turquia (1931-1993) explica o seu impacto:

A principal novidade introduzida por esta (re)orientação político-cultural foi, a **adaptação da visão étnica da história**, proposta pelo kemalismo, aos desejos dos intelectuais que **«queriam redefinir a personalidade turca também pela religião»**. Assim, o novo discurso identitário manteve o cunho nacionalista herdado do kemalismo, fazendo, também, **«do encontro entre os turcos e o Islão um acontecimento central da história turca»**.

#### 4. As ambiguidades da «opção europeia/ocidental» da Turquia

No território da Turquia, sobretudo na Anatólia ocidental – a Ásia Menor dos gregos –, encontramos muitos lugares e símbolos históricos do seu passado de terra de Antiguidade Clássica (por exemplo, Tróia e Éfeso) e dos primeiros tempos do Cristianismo (por exemplo, Antioquia e Constantinopla). Tendo em conta este passado, em 1987 o então Primeiro-Ministro da Turquia, **Turgut Özal**, escrevia o seguinte num livro originalmente intitulado *A Turquia na Europa* (pp. 242-243):

«[...] Em Tróia, fomos nós que fizemos a guerra, em aliança com homens vindos de todos os cantos da Anatólia e que falavam a mesma língua. Contra o agressor vindo do exterior os deuses anatólios ajudaram-nos. Da mesma maneira, nós lutamos contra os cruzados, depois contra os aliados, que desembarcaram nos Dardanelos em 1915. Homero – nosso compatriota – no século IX A.C., fez surgir na Anatólia o que se chamaria mais tarde «o milagre grego». Este milagre, prosseguiu através dos fisiólogos, e atravessou o mar Egeu para ganhar Atenas [...] Mais tarde, apareceu o império romano. A sua província mais importante foi a Anatólia. A cultura e a civilização foram reanimadas. A Anatólia tomou consciência de fazer parte da bacia mediterrânica. O cristianismo, nascido nessa época, adquiriu o seu nome em Antioquia. A acção de Paulo de Tarso – nosso compatriota – espalhou-o por toda a Anatólia onde foram construídas as sete primeiras igrejas».

Será que os turcos se auto-identificam com o Gregos e os Romanos da Antiguidade Clássica e com o Cristianismo, ou seja com as raízes da civilização ocidental, como sugere Turgut Özal?

Como explicar então os seguintes factos:

- a) Em 1914 o Império Otomano entra na I Guerra Mundial com uma *declaração de Jihad* feita pela autoridade máxima do Islão, em Istambul;
- b) Em 1919-1922, na altura da «guerra da independência» da Turquia, contra as potências europeias **Mustafa Kemal** recebeu o título honorífico de *Gazi*, distinção historicamente atribuída aos guerreiros vitoriosos do Islão contra os não-muçulmanos (ou seja da *Jihad*);
- c) Em 1974, quando a Turquia interveio/invadiu Chipre, consoante as perspectivas, a operação militar recebeu o nome de «**Átila**» (o invasor que as histórias europeias recordam como um bárbaro particularmente

- cruel), nome que é também dado pela Turquia à linha que separa as duas comunidades, em Chipre.
- d) Em 1992-1993, durante a guerra da Bósnia, a imprensa nacionalista turca veiculava uma imagem que se tornou um *slogan* dos meios islamitas: «***A Bósnia não será uma nova Andaluzia***».
- e) Na mesma imprensa nacionalista e nos meios islamitas, partir de 1996, um dos *slogans* mais frequentes relativamente à questão cipriota foi «***Chipre não será uma nova Bósnia***».
- f) Em Julho de 1998, no aniversário da intervenção militar de Chipre, em 1974, o presidente Süleyman Demirel declarava: ***Chipre não será uma nova Creta***»

Quais são os verdadeiros heróis nacionais que moldam a identidade do cidadão turco? Homero e São Paulo, como sugere Turgut Özal, ou Átila, Alparslan, Gengis-Khan (em termos étnicos) e o Profeta Maomé (em termos religiosos). Onde está afinal a identidade europeia/ocidental da Turquia?

## 5. Interrogações finais

Por último, uma referencia à questão da ponte entre o Oriente e o Ocidente e ao «diálogo de civilizações».

Na altura da Cimeira de Dezembro do ano passado, onde foi decido abrir negociações para a adesão da Turquia, o líder britânico Tony Blair afirmou que esta decisão contribuía para mostrar que «não existia choque de civilizações» entre o Ocidente e o Islão.

Mas como é que o Mundo Muçulmano olha para a Turquia? Será que por exemplo, os países Árabes a consideram também um «representante» do Islão Árabe? Se assim é, como interpretar os seguintes factos:

- O argumento da Turquia para intervir em Chipre foi o da protecção dos cipriotas-turcos (muçulmanos). Porque é que o mundo Árabe em vez de estar solidário com a causa da Turquia, apoia politicamente a Grécia nesse conflito, não reconhecendo a RTNC?

- Como interpretar as declarações do líder/árabe líbio Moammar Kadhafi que, na altura da cimeira da UE de 16 Dezembro de 2004, onde esta aceitava abrir negociações de adesão com a Turquia numa entrevista à televisão italiana RAI, entendeu avisar os europeus que a *«entrada da Turquia para a União Europeia, era um cavalo de Tróia»*, e que os extremistas em todo o mundo islâmico, incluindo Osama Bin Laden, estavam satisfeitos com essa adesão.
  
- Como é que os Estados da Europa Balcânica – Grécia, Roménia, Bulgária, Sérvia-Montenegro, etc. –, à excepção da Albânia e da Bósnia, que consideram nas suas histórias nacionais o período de dominação otomana como uma **«Idade das Trevas»** onde estiveram sujeitos a uma **«opressão colonial»**, olham para a Turquia? Com um agente estabilizador e pacificador? Ou como uma metamorfose das velhas ambições imperiais otomanas?

## Bibliografia

Brown, Carl [ed.] (1996), *Imperial Legacy: The Ottoman Imprint on the Balkans and the Middle East*: New York: Columbia University Press.

Copeaux, Étienne (1997), *Espaces et temps de la nation turque. Analyse d'une historiographie nationaliste 1931-1993*, Paris: CNRS Éditions.

\_\_\_\_\_ (2000), *Une vision turque du monde à travers les cartes de 1931 à nos jours*, Paris: CNRS Éditions.

Göle, Nilüfer (1994), «La revendication démocratique de l'islam» in *Stéphane Yerasimos [dir.] Les Turcs. Orient et Occident, Islam et Laïcité*, Série Monde HS (76), Paris: Éditions Autrement [pp. 126-137].

Lewis, Bernard (1961 [2002]), *The Emergence of Modern Turkey*, London-New York: Oxford University Press.

Mango, Andrew (2002), *Atatürk. The Biography of the Founder of Modern Turkey*, Woodstock-New York: The Overlook Press.

Özal, Turgut (1988), *La Turquie en Europe*, Paris: Éditions Plon.

Zürcher, Erik J. (1993 [2001]), *Turkey. A Modern History*, second revised edition, London-New York: I. B. Tauris Publishers.